

RESISTIR PELAS METAMORFOSES: IMAGEM, CORPO E DEVIR NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES

Mariane Schmidt da Silva
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
marianessh@gmail.com

Eduardo de Oliveira Belleza
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
belleza@unicamp.br

Resumo

Este texto propõe uma investigação poético-política e sensível sobre o corpo como território de criação e formação, articulando arte, ciência e educação a partir da experiência docente no contexto do Programa de Estágio Docente (UNICAMP, 2025). Propomos pensar o corpo não como objeto disciplinado, mas como potência vibrátil, metamórfica, que produz imagens a partir da escuta, do silêncio, da pausa e do movimento. Partindo da ideia de metamorfose, criticamos a captura da sensibilidade por um regime necrocapitalista e suas imagens colonizadas, propondo a liberação da vibratibilidade e a criação de imagens outras — abertas, múltiplas, insurgentes. Descrevemos uma prática pedagógica que atravessa meditações corporais e movimentos livres inspirados por cosmologias indígenas e autores como Rolnik, Deleuze, Guattari, Coccia e Florez. A experiência de um devir-vegetal e a escuta do corpo são mobilizadas como resistência à racionalidade colonial e como estratégia formativa na educação, despertando modos de estar no mundo mais abertos ao outro e às forças vitais. O corpo que pensa e escreve se torna centro de uma pedagogia sensível, onde os estudantes, por meio da escrita e da produção de imagens, acessam camadas esquecidas de percepção. Com isso, propomos cartografar um “comum” que se cria na diferença, no encontro e na abertura, onde imagens e corpos se metamorfoseiam juntos, numa dança que arrasta o previsível e convoca o porvir.

Palavras Chave: Corpo; metamorfose; devir; imagem; escrita.

Introdução

Que imagens produz um corpo? Que imagens produz um corpo que se entrega ao chão? Que se disponibiliza à pausa, à percepção e ao movimento? Que imagens produz um corpo que busca recuperar sua vibratibilidade, desde dentro de si, para então, lançar-se à aberturas e conexões com o mundo? Com outros seres? Que imagens produz um corpo-semente? E um corpo que nasce? Um corpo que se vê dançar mobilizando todas as suas partes? Que imagens produz um corpo que se lança às metamorfoses? Partimos do desejo de cultivar um corpo que vibre na plenitude de sua força vital e germinativa, investigando, para isso, modos de fazer. Que dispositivos nos permitiriam experimentar esse corpo vivo? E criar com ele? O que escreveríamos com ele? Que imagens ele produziria?

Esse texto se tece a partir de uma experiência no contexto do Programa de Estágio Docente (PED) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) na disciplina de Escola e Cultura, que realizou-se no primeiro semestre do ano de 2025, com uma turma de estudantes de licenciatura provenientes de diferentes cursos de graduação¹. Além disso, trata-se de uma investigação situada no âmbito da pesquisa de doutorado atualmente em desenvolvimento pela primeira autora do presente trabalho e denominada “Por uma poética do selvagem: linhas de criação entre corpo, ciência e arte”.

Partimos da tentativa de compor um certo comum. Território de bordas flexíveis, heterogêneo, onde as diferenças se avizinham e se contaminam mutuamente tramando incessantemente novas composições. (In)constantes rearranjos. Assembleia multiespécies. Acoplamentos a gerarem sempre outros corpos. Associações a serem feitas e desfeitas sem depender de identidades. Movimentos não-identitários. Superfície de multiplicidades. Território do dissenso, que demanda acolher o inesperado. Alianças com imagens fazendo nascer um novo comum.

(Des)encontramo-nos em uma sociedade onde o comum se esfacela, fragmentando relações entre os seres em prol de uma condição intrinsecamente individualista de habitar o mundo. Desde a invenção da noção de posse, que vai se atualizando, penetrando fundo em nossos corpos e conduzindo a maneira como lidamos com nós mesmos e com os outros. Nos vemos enclausuradas dentro de nossas propriedades privadas, gritando pelo nome de uma nação, apegados a identidades únicas, invariáveis e pré-concebidas. O comum se dissolve partindo dos “diversos mecanismos de exclusão e de segregação nas democracias atuais, produzidos e sustentados tanto pelo mercado quanto pelo Estado” (Guimarães, 2015, p. 46).

As imagens também se (des)encontram soterradas numa lógica dada pela máquina *necrocapitalista*, que institui um uso da linguagem já totalmente subjetivado a favor da manutenção de relações de poder já estabelecidas e do anestesiamento do corpo para os afetos. Nessa lógica, a máquina se vale de imagens colonizadas que tendem a sedar nosso desassossego e a contribuir para nossa surdez ao *corpo vibrátil* “e, portanto, aos afetos de seu tempo que aí se apresentam” (Rolnik, 2008, p. 32), considerando que, como coloca Suely Rolnik (2008, p. 32), “o que nos guia na criação de territórios em nossa flexibilidade pós-fordista é a identificação quase hipnótica com as imagens do mundo veiculadas pela publicidade e pela cultura de massa”.

Suely Rolnik (2008) denomina “corpo vibrátil” o poder de vibração às forças do mundo que nosso corpo possui. Uma vibratibilidade do corpo, um modo sensível de apreensão da realidade que é o tempo todo capturado e anestesiado pela “política de subjetivação em curso” (Rolnik, 2008, p.27). A morte do corpo vibrátil é também operada pelo regime de imagens

¹ O Prof. Dr. Eduardo de Oliveira Belleza e co-autor deste trabalho, foi o professor responsável pela disciplina e por abrir os caminhos para esta experiência.

imposto dentro dessa política de subjetivação. Segundo Rolnik (2008), seria preciso recuperar nossa vulnerabilidade em relação ao outro, uma espécie de penetrabilidade do corpo para o que está de fora, a disponibilidade para compor com o fora, com os outros, e produzir continuamente novos modos de estar no mundo.

Como liberar, então, as imagens da clausura imposta por essa política de subjetivação, por esse “regime democrático-espetacular” e deixar que delas, nasça um novo corpo? Um corpo vibrátil, um corpo coletivo, um corpo disponível a se metamorfosear o tempo todo com imagens. Um novo corpo para produzir imagens. Como experimentar uma relação com as imagens que, ao invés de contribuir para a surdez do corpo vibrátil, o desperte cada vez mais? Apostar na abertura das imagens, num devir-corpo com imagens para criar um novo comum.

Colonizou-se a gestação da imagem. Colonizou-se como se entra na imagem. O tempo todo dançamos com os fantasmas da colonização. Modos de ver, agir, sentir introjetados violentamente entre culturas, histórias e subjetivações. Uma universalização que toma conta das imagens. A colonialidade e suas operações maquínicas emaranham-se aos corpos, às técnicas, às narrativas, conduzindo olhares, delimitando campos e extracampos, ditando quem pode ou não pegar a câmera e logo, quais imagens poderão ser produzidas. Seguimos assombrados por espectros de subjetividades forjadas e cristalizadas entre disputas e relações de poder (Guimarães, 2021).

Como escapamos, então? Como lançar linhas que nos levem a criação de imagens outras? Que fujam às cristalizações. Uma imagem ainda não totalmente estratificada. Uma imagem que se prolifera continuamente entre outras imagens; que convoque mundos por vir; que alcance os corpos provocando sensações inesperadas; que deixe um pouco de incompreensão para oscilar entre os sentidos; que dê lugar à multiplicidade e à diferença na invenção de muitos modos de ver e compor (com) imagens.

Desenvolvimento

Apostamos, aqui, nas metamorfoses. Começamos pela “Flecha Selvagem”² da Metamorfose, que nos convida a navegar pelo mar primordial das existências, desde que gente era peixe. Num misto entre as perspectivas da evolução, das cosmovisões de povos indígenas como os Desana e os Tukano, das células, dos seres visíveis e invisíveis, borboletas e encantados, a flecha nos conduz por uma miríade de imagens-texto tornando visíveis modos de pensar uma vida que é intrinsecamente metamórfica.

² Flecha Selvagem se trata de uma série de vídeos produzida pelo projeto Ciclo Selvagem (<https://selvagemiciclo.org.br/>) que abordam diferentes temas a partir do encontro entre as perspectivas originárias, das ciências e de outros seres. Aqui pensamos com a Flecha Selvagem da Metamorfose. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Q2IS8YhphHw>. Acesso em: 14/08/2025.

Compreendemos a metamorfose também como devir. Uma transformação que acontece pelo contágio, relação entranhável com a diferença. Devir é estado que se dá pelo meio, “uma linha de devir só tem um meio” (Deleuze; Guattari, 2012, p. 96). Estado simbiótico; entre-lugar; eterna metamorfose. “Cada multiplicidade é simbiótica e reúne em seu devir animais, vegetais, microrganismos, partículas loucas, toda uma galáxia” (Deleuze; Guattari, 2012, p. 35).

A “Dança e o Jogo das Metamorfoses” (Flórez, 2023) e “A Virada Vegetal” (Coccia, 2018) despertam um modo de fazer. Partir do corpo. Com uma carta à pitangueira do seu quintal, Maurício Florez nos provoca a trazer a vegetabilidade para o corpo. Devir-planta. Pura metamorfose, transformação. Observando atentamente um corpo que parece estático, mas se move em seu próprio tempo, Maurício nos relata como foi aprendendo a habitar essa existência vegetal. Reaprendendo a ser selvagem, a pensar sem ter cérebro, mover-se sem ter músculos, respirar com o corpo inteiro (Flórez, 2023). Considerando toda vida como proveniente de uma mesma origem, acessar a “memória material e espiritual do nosso próprio corpo” (Flórez, 2023, p.8).

Para ser como você, para habitar um modo de ser vegetal, eu tive que aprender a desacelerar, a transitar para outra escala de tempo. Eu tive que pegar emprestadas suas qualidades e formas, seus jeitos, me apropriar do seu silêncio, do seu tamanho, imitar as suas curvas e torções. Eu tive que imaginar com a liberdade de uma criança [...] (Flórez, 2023, p. 2-3)

Como experimentar metamorfoses? Nosso dispositivo, portanto, começa com o corpo. Um corpo que se permite experimentar um outro tempo. Corpo que deita, pára, descansa, desacelera, respira. Que sente o ar viajar até as pontas dos dedos. Corpo que experimenta a consciência atravessando cada parte. Corpo que se transforma em semente, que adormece sob o solo e depois, vive as exigências de nascer.

Ocupamos uma sala sem carteiras. Janelas semifechadas. Conduzo a experiência partindo de uma conscientização corporal meditativa, para então, chegar ao movimento.

*Se volte, agora, para dentro.
Tente perceber o que acontece no seu interior.
Continue respirando.
Percebe como seu corpo se expande a cada inspiração.
E se dissolve a cada exalação.
Como está esse corpo?
Você consegue ouvi-lo?³*

³ Fragmento do texto-guia para a meditação conduzida em sala de aula com os estudantes.

Luã Apyká e Carlos Papá ajudam a pensar o que significa “Brotar, dançar”⁴, na perspectiva guarani. *Jekory*, em guarani, significa “brotar de si mesmo, dançar a partir de seu próprio movimento”, como um movimento meditativo de aprender a nascer. Apyká diz que para caminhar é preciso, primeiro, aprender a estar parado. Logo, antes de nos lançarmos para fora, para o encontro com a diferença, aliança, contágio - devir - é necessário aprender a lançar-se para dentro.

Mesmo parado, você consegue perceber os movimentos que estão acontecendo dentro de você neste instante?

Consegue ouvir os outros seres que te habitam?

Perceber seus órgãos realizando suas atividades sem parar.

Seu coração batendo.

O sangue fluindo dele para suas extremidades.

É possível perceber o corpo de dentro para fora?

*Fazer uma viagem para o interior de sua pele.*⁵

Já que vivemos uma “crise da sensibilidade” (Patzdorf, 2021) engendrada pela “somatopolítica neoliberal que é causa e efeito de um corpo carente cada vez mais privado de experiências sensoriais” (Patzdorf, 2011, p. 21, grifo nosso), entenderemos esse desaceleramento meditativo como um ato de resistência à lógica neocolonial de distanciamento do próprio corpo. Uma retomada da sensibilidade, um desanestesiamento. Incluir o corpo, em meditação ou em movimento, também como território de formação. Trazer o corpo de volta à educação, à escola e à formação de professores. Segundo Strazzacappa (2001, p. 76), “seria muito mais salutar ensinar os professores a pensar com o corpo, que ficar discutindo sobre o corpo, como se este fosse um objeto à parte de nós mesmos”. Trazer para a formação um outro corpo, que não o disciplinado, obediente, sistematizado pela ciência. Um corpo vivo.

A escuta do corpo também aparece aqui como uma pedagogia, como prática pedagógica, como estratégia para estar presente e estar junto. Para escutar e ir de encontro à infância, ao outro. Para saber estar à espreita, para aprender a construir a prática pedagógica de acordo com a escuta, escuta do outro, escuta da infância. Deslocar a atenção para o outro e não encerrar-se nos planos e métodos pré-fabricados. Com o corpo também se constrói um pensamento, também se cria. É preciso deslocar da cabeça a ideia de produção. Criar com o corpo, pensar com o corpo: razão-vegetal (Coccia, 2018). Pois o corpo é nosso canal de conexão com o

⁴ Vídeo disponível no link: https://www.youtube.com/watch?v=0T_uCi4Re_Y. Acesso em: 14/08/2025

⁵ Fragmento do texto-guia para a meditação conduzida em sala de aula com os estudantes.

mundo. Através das sensações, através das modulações que fazemos do presente, pele, poros, vamos produzindo o mundo em uma cosmogonia incessante.

Jeroky kyre'yi mba, em guarani, segundo Apyká e Papá, significa “dançar feliz por completo”. Seguindo a meditação guiada, nos lançamos ao movimento, como um corpo que acaba de nascer de uma semente para ganhar o mundo. Vamos convidando cada uma das partes do corpo a se movimentarem, cada uma das articulações a ganharem vida sucessivamente, a testarem quais movimentos são capazes de fazer. Sem normas coreográficas, sem técnicas à priori, confiar nos próprios sentidos. Vamos descobrindo toda potência de movimento do corpo. Testando caminhos. Saindo do chão e ganhando o ar. Vejo punhos e tornozelos revolvendo-se, braços e pernas a se contraírem e se alongarem, cabeças circundando o espaço, quadris para cima, cintura escapular para baixo, linhas sendo desenhadas pela sala por corpos desviantes que se encontram e distanciam em diferentes velocidades e lentidões.

*Tente ocupar outros espaços, se deslocar nessa brincadeira de usar todas as partes desse corpo. Para onde seu corpo quer ir? Que lugares deseja ocupar? Através de quais caminhos? Quais alavancas? Quais apoios é possível utilizar? Quais velocidades é possível experimentar? Quais tempos? Um tempo da lentidão? Ou de um aceleração maior? O que acontece se eu me movimentar mais devagar? Ou mais rápido? Quanta força preciso fazer para me deslocar?*⁶

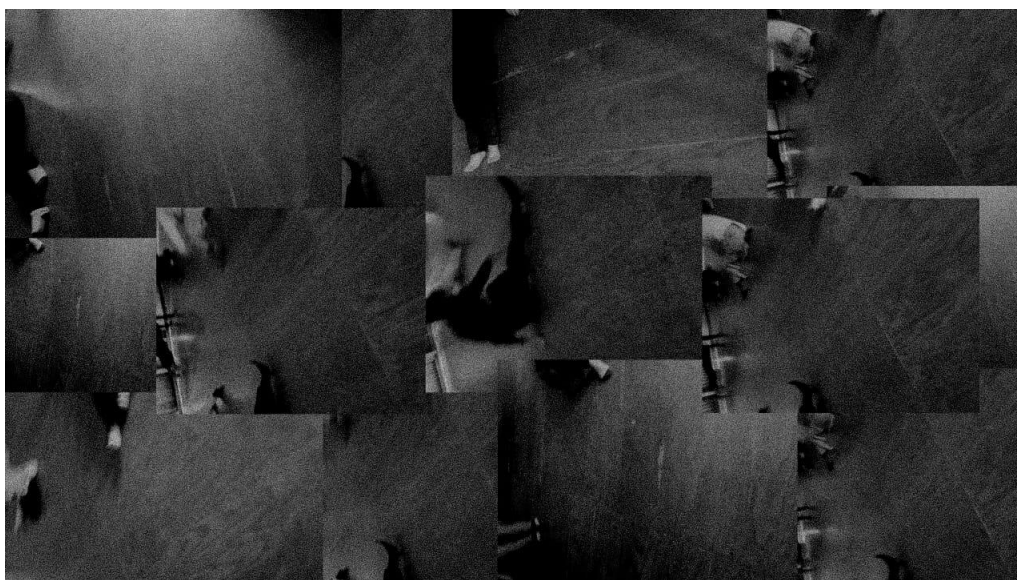


Figura 1: montagem com fotografias da prática corporal (arquivo pessoal).

⁶ Fragmento do texto-guia para movimento em improvisação.

Com a prática corporal, os estudantes foram convidados a escrever, de forma livre, mobilizados pelo movimento. Uma escrita das sensações. Uma escrita que, sobretudo, passasse pelo corpo. “Deste modo, o eu, não sendo somente um sujeito escritor, é o corpo que pensa e escreve junto com o que sente, sem normas de uma escrita, seguindo os fluxos que o atravessam e as suas percepções e pensamentos” (Gonçalves, 2011, p. 115).

“[...] reconhecer, reencontrar, partes esquecidas e abandonadas; dar um tempo no próprio tempo; mudanças rítmicas internas que ditam as externas. Tempo dos dedos, dos braços, das pernas, do diafragma, do coração”

“Não só por estar aquecida, mas meu corpo está acordando, acordado. No começo, meu corpo foi se assentando no chão, as costas toda no chão, tanto que foi até um esforço para ir para a posição fetal. Para sair dela, comecei com uma lentidão de movimento que eu nunca tinha feito[...].”

*“Pulsção nos quadris. Fluxo cerebral. Inquietação do consciente.
Pressão no córtex. Corrente de ar na ponta dos dedos.”*

“Tô bem menos flexível que em 2022, meu corpo parece meio duro, limitado, sem flexibilidade, mas assim que me movo, sinto algo se pá ‘amolecendo’, é interessante perceber a movimentação, respiração, batimentos, frio. Tudo é tão comum no dia a dia, perceber o movimento é meio diferente, como acordar de um sono profundo”.

“Me sinto uma semente inquieta, sempre vibrando [...] Movimentar o sangue me lembra que não dá para correr sempre para o futuro. Às vezes é no silêncio, na quietude, que a metamorfose acontece”.⁷

Em seguida, convidamos à produção de imagens partindo do dispositivo fotográfico: “Que imagens produz um corpo em metamorfose?”, devendo ser registrada uma sequência de três imagens com a câmera do celular de uso pessoal.

⁷ Fragmentos de escritas produzidas pelos estudantes após prática corporal.

VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS –
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

nos enquanto existências cambiantes em um mundo de variações, será preciso “reativar a vulnerabilidade ao outro (não só o humano), assim como o poder de criar cartografias singulares que tragam para o sensível as mudanças que sua presença engendra no diagrama de afetos” (Rolnik, 2021, p. 86).

Para reativar a vulnerabilidade ao outro, para atualizar os possíveis de uma educação com as imagens, abrimos os poros de nossa pele e escrevemos com as sensações. Desejamos disparar a abertura ao encontro para poder cambiar, para entrar em metamorfose, devir. Retomamos o corpo em movimentos de formação, para conversar com pitangueiras, folhas vivas ou mortas, marcas ou desenhos nas paredes, canos enferrujados, líquens esverdeados, mãos que desabrocham ou rochas que atravessam caminhos. Nos lançamos a aprender o tempo das sementes e brotamos do chão. Sem saber dançar, dançamos metamorfoses e fizemos imagens.

Referências

COCCIA, E. **A virada vegetal**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 4. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2012. 200 p.

FLÓREZ, M. Dança e o jogo das metamorfoses. **Cadernos Selvagem**. Dantes Editora, Biosfera, 2023.

GONÇALVES, J. A. J. Escrita dos Perceptos: de palavras a imagens-sensação. In: AMORIM, A. C.; MARQUES, D.; DIAS, S. O. (Orgs.). **Conexões: Deleuze e Vida e Fabulação e....** – Petrópolis, RJ: De Petrus; Brasília, DF: CNPq; Campinas ALB, 2011. 192p.

GUIMARÃES, C. Imagens eurocêtricas, caminhos contra-coloniais. In: FARIAS, A. A.; GUIMARÃES, C.; MENDONÇA, F.; SILVA, R. (Orgs.). **Poéticas da pesquisa: cartografando o audiovisual**. Aracaju, Criação, 2021. 256p.

GUIMARÃES, C. O que é uma comunidade de cinema? **Revista Eco Pós**. Rio de Janeiro / UFRJ, v.18, n. 1, 2015.

PATZDORF, D. Artista-educa-dor: A somatopolítica neoliberal e a crise da sensibilidade do corpo ocidental. **Urdimento**, Florianópolis, v. 1, n. 40, mar./abr. 2021.

PELBART, P. P. A potência de não: linguagem e política em Agamben. In: FURTADO, B.; LINS, D. (Orgs.). **Fazendo Rizoma: pensamentos contemporâneos**. São Paulo: Hedra, 2008. 11-23 pp.

ROLNIK, S. **Antropofagia zumbi**. 1ª. ed. n-1 edições, 2021.

VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS –
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

ROLNIK, S. Geopolítica da Cafetinagem. In: FURTADO, B.; LINS, D. (Orgs.). **Fazendo Rizoma: pensamentos contemporâneos**. São Paulo: Hedra, 2008. 25-44 pp.

STRAZZACAPPA, M. A educação e a fábrica de corpos: a dança na escola. **Cadernos Cedes**, ano XXI, n. 53, abril, 2001.